



CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS
AGRÁRIAS

LAÍSE PEREIRA DA SILVA
ALINE DE JESUS DE SOUSA

COOPERATIVISMO EM ATIVIDADE AGROEXTRATIVISTA DA
AGRICULTURA FAMILIAR

BACABAL-MA

2023

LAÍSE PEREIRA DA SILVA
ALINE DE JESUS DE SOUSA

**COOPERATIVISMO EM ATIVIDADE AGROEXTRATIVISTA DA
AGRICULTURA FAMILIAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo -Ciências Agrárias.

Orientadora: Profa. Ma. Kerlen Nunes Ferreira de Sousa

BACABAL-MA

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

PEREIRA DA SILVA E SOARES SILVA DE JESUS, LAISE
E ALINE .
COOPERATIVISMO EM ATIVIDADE AGROEXTRATIVISTA DA
AGRICULTURA FAMILIAR / LAISE E ALINE PEREIRA DA SILVA E
SOARES SILVA DE JESUS. - 2023.

49 p.

Orientador(a): KERLEN JACQUELINE FERREIRA NUNES.
Monografia (Graduação) - Curso de Educação do Campo,
Universidade Federal do Maranhão, BACABAL MA, 2023.

1. AGRICULTORES FAMILIARES. 2. COCO BABAÇU. 3.
COOPERATIVISMO. 4. COPPALJ. 5. QUEBRadeiras DE COCO. I.
FERREIRA NUNES, KERLEN JACQUELINE. II. Título.

**Laise Pereira da Silva
Aline Soares da Silva de Jesus**

**COOPERATIVISMO EM ATIVIDADE AGROEXTRATIVISTA DA
AGRICULTURA FAMILIAR**

Monografia
apresentada a coordenação
de Licenciatura em Educação
do Campo/Ciências Agrárias
da Universidade Federal do
Maranhão como requisito
parcial à obtenção dos títulos
de Licenciado em Educação
do Campo/Ciências Agrárias.

Aprovado em 25 de janeiro de 2023.

Banca examinadora

Prof.º Kerlen Jacqueline Ferreira Nunes

Prof.º Carolina Pereira Aranha

Prof.º [Cristiana Resende Macedo]

DEDICATÓRIA

Foram longos anos para chegar até aqui, e no princípio, a ideia sempre foi de dedicar esse trabalho a nossa amizade. Se conseguimos êxito, foi porque seguramos a mão uma da outra. Sempre nos consolamos juntas e nossa parceria sempre falou mais alto do que qualquer outra coisa. Suportar tanta diferença talvez foi mais árduo que a construção deste trabalho, mas, sem nosso amor e nossa cumplicidade nada teria dado certo.

Hoje não iremos dedicar esse trabalho a nossa amizade, não que ela tenha deixado de ser importante, mas sim, porque alguém que era, é, e sempre será lembrado como a maior de todas as forças, nos deixou. Antônio de Jesus. Ele foi uma figura de suma importância nessa jornada, foi ele que sempre tomou todas as dores, foi ele que se pudesse, teria curado todas as feridas e traumas que uma pessoa tão jovem poderia carregar. O maior exemplo de homem íntegro, forte e corajoso, infelizmente hoje não está fisicamente ao nosso lado, mas, jamais será esquecido. Sempre estará em nossos corações, sendo lembrado a todo momento por suas sábias instruções. Dedicamos hoje esse trabalho a ele que lutou e foi forte até o último suspiro de vida. Pedimos que Deus venha nos consolar por tamanha perda. Não ter ele aqui para prestigiar essa vitória é uma dor sem igual, mas acreditamos que um dia iremos nos encontrar, e com um abraço bem apertado lá na glória, contaremos dessa vitória. Obrigada por tudo!

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, gostaríamos de agradecer a Deus, nosso criador. As misericórdias dEle, foram as causas de não sermos consumidas. Ele sempre esteve disposto a nos ajudar; nos ouvindo nas orações das sete da manhã e nas orações das três da madrugada. Sempre muito atencioso, cuidadoso e piedoso. Fomos bastantes falhas no decorrer desse processo, mas em nenhum momento Ele deixou de segurar a nossa mão. Obrigada, Pai!

Agradecemos às nossas famílias, que durante toda nossa vida acadêmica, sempre estiveram dispostas a serem nossa rede de apoio.

Aline - Obrigada minha mãe, meu pai e meus irmãos, por terem sido a melhor rede de apoio que alguém poderia ter. Cuidaram tão bem da minha filha quando eu mais precisei. Sem vocês eu não teria conseguido chegar até aqui.

Laise - Obrigada minha mãe, que é uma figura tripla em minha vida. Minha imagem de mãe, pai e irmã. Sem sua ajuda constante, eu não teria conseguido. Agradeço também minha prima Fran, que desde minha matrícula na faculdade, sempre esteve comigo me ajudando a resolver os maiores "B.O's" que uma jovem poderia ter.

Aos nossos amigos em comum que compartilharam conosco das melhores risadas e piores choros de desespero por uma simples prova. Queremos destacar o Marquinho, que apesar de ter sido uma das maiores cruces que carregamos juntas, era ele que sempre estava ali para nos ajudar com o jeitinho de burlar o sistema que só ele tem. Nós amamos você Marquinho.

Agradecemos também a Mônica e Hailene, que foram figuras essenciais, tanto em nosso confinamento, quanto na produção deste trabalho, nos ajudando com a aplicação de questionários. Não poderíamos esquecer também de Jady, aluna da nossa turma vizinha, que apesar de estar sempre muito ocupada com as atividades acadêmicas, sempre tirava um tempinho para risadas sinceras conosco. Agradecemos ainda a nossa fiel amiga e escudeira Rayane, sem ela, não teríamos conseguido. Obrigada por tanto.

Aos nossos queridos professores - Marconio por sua calma e atenção; Botelho sempre solícito a nos atender; e Fernando por sua prontidão de sempre. Obrigada.

À nossa orientadora Kerlen, que apesar de estar em uma nova fase da vida (mãe de primeira viagem do pãozinho de leite mais lindo), foi essencial em seu rigor, destreza e eficácia, caso ao contrário, não teríamos chegado ao êxito desse trabalho tão importante a sociedade na qual foi envolvida. Obrigada.

Por último e não menos importante, agradecemos também a COPPALJ, que se tornou nosso ponto de apoio nesta pesquisa; nas pessoas de Seu João, Seu Gilmar, Dara, Ricardo, Fagno, Ze Filho, Jhon, Thais, Conceicao, Valdener, Agenor e Gilcimar que sempre nos apoiaram e tiraram nossas dúvidas, e aos cooperados, que foram nossos instrumentos de pesquisa, muito obrigada.

*“Minha terra tem palmeiras onde canta o
sabiá, as aves, que aqui gorjeiam, não
gorjeiam como lá” (Gonçalves Dias)*

RESUMO

O Cooperativismo é fortalecido em resposta às dificuldades socioeconômicas, funcionando como uma estratégia de inclusão social que objetiva a valorização das pessoas não apenas do dinheiro da organização, ao passo que enxerga as pessoas como seres humanos e como geradores de riqueza. A Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco – COPPALJ foi criada em 1992 e gerida por agricultores familiares e extrativistas do coco babaçu resultante de um processo de mobilização coletiva da população local - acometida pela exclusão socioeconômica e pelas relações desiguais de poder na zona rural. Esses fatores foram determinantes para tornar a COPPALJ uma cooperativa genuína no estado do Maranhão. Diante disso, esta pesquisa objetiva compreender/Identificar qual a importância social e econômica da Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco - COPPALJ para agricultores familiares cooperados no município de Lago do Junco – MA. O estudo foi realizado em 08 (oito) comunidades rurais de Lago do Junco (MA), tendo como grupo de estudo, agricultores familiares cooperados na COPPALJ. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada por meio de um questionário contendo perguntas subjetivas e objetivas, bem como consulta nos documentos elaborados pela COPPALJ e pesquisas nas bases de dados nacionais, bibliotecas e revistas científicas digitais. A partir desse instrumento foi possível obter informações sobre a vida desses cooperados, atividades desenvolvidas na comunidade, e sua relação com a cooperativa, produtos e ações. O tempo de cooperado variou de 2 anos a 15 anos e quanto ao tipo de atividade que desenvolve na comunidade, 87% responderam agricultura e criação de animais. O maior percentual da renda familiar advém da comercialização das amêndoas do coco babaçu, onde 76% dos entrevistados fornecem acima de 15 Kg/mês à cantina da COPPALJ e esta atividade é considerada a mais importante nos âmbitos econômico e social. A cooperativa tem como foco a formação dos seus cooperados e desenvolve capacitações técnicas que contribuem para melhoria nas atividades de agricultura, criação de animais e comercialização. Os dados produzidos indicam que a COPPALJ possui uma grande importância social e econômica para os agricultores familiares cooperados no município de Lago do Junco (MA). Além disso, foi possível perceber que, com a cooperativa, a prática da extração do babaçu pelas quebradeiras de coco tornou-se mais valorizada e, sem a figura do atravessador, também passou a ser mais bem remunerada. Tudo isso resultou na melhoria da renda familiar e qualidade de vida dos cooperados, sobretudo das quebradeiras de coco e suas famílias.

Palavras-chave: Cooperativismo. Coco Babaçu. COPPALJ. Quebradeiras de coco. Agricultores familiares.

ABSTRACT

Cooperativism is strengthened in response to socioeconomic difficulties, working as a social inclusion strategy and aims at valuing people not just the organization's money, while seeing people as human beings and as generators of wealth. The Cooperative of Small Agroextractivist Producers of Lago do Junco - COPPALJ created in 1992 and managed by family farmers and babassu coconut extractivists resulting from a process of collective mobilization of the local population, affected by socioeconomic exclusion and unequal power relations in the rural area. These factors were decisive in making COPPALJ a genuine cooperative in the state of Maranhão. In view of this, this research aims to understand/identify the social and economic importance of the Cooperative of Small Agroextractivist Producers of Lago do Junco - COPPALJ for cooperative family farmers in the municipality of Lago do Junco - MA. The study was carried out in 08 (eight) rural communities of Lago do Junco (MA), having as a study group, family farmers cooperated in COPPALJ. As a data collection instrument, a semi-structured interview was used through a questionnaire containing subjective and objective questions, as well as consultation in documents prepared by COPPALJ and searches in national databases, libraries and digital scientific journals. From this instrument, it was possible to obtain information about the lives of these members, activities carried out in the community, and their relationship with the cooperative, products and actions. Membership time ranged from 2 years to 15 years and regarding the type of activity carried out in the community, 87% answered agriculture and animal husbandry. The highest percentage of family income comes from the sale of babassu coconut almonds, where 76% of respondents supply over 15 Kg/month to the COPPALJ canteen and this activity is considered the most important in the Economic and Social spheres. The cooperative focuses on the training of its members and develops technical skills that contribute to the improvement of agriculture, animal husbandry and commercialization activities. It was found that COPPALJ has great social and economic importance for cooperative family farmers in the municipality of Lago do Junco (MA). With the cooperative, the practice of babassu extraction by the coconut breakers was more valued and without the role of the middleman, it also became better remunerated, consequently resulting in the improvement of the family income and quality of life of the members, especially of the coconut breakers and your families.

Keywords: Cooperativism. Babaçu coconut. COPPALJ. coconut extractivists. family farmers

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- vista da sede da COPPALJ nos primeiros anos de fundação.....	22
Figura 2- Reunião de cooperados da COPPALJ.....	22
Figura 3- Logotipo da COPPALJ.....	24
Figura 4- Vista da estrutura predial da sede da COPPALJ.....	24
Figura 5- Planta industrial da COPPALJ na qual é realizado o processamento das amêndoas do babaçu (A e B) e maquinários de envase (C) e rotulagem (D) do óleo refinado.....	25
Figura 6- “Torta de Babaçu” resultante de prensagem das amêndoas do coco de babaçu.....	26
Figura 7- Cantina da comunidade São Manoel.....	27
Figura 8- Parte interna da Cantina	28
Figura 9- Óleo de babaçu bruto (A) e Óleo de babaçu refinado (B).....	31
Figura 10- Galpão no qual são armazenadas as mercadorias que abastecem as Cantinas (A) e lista de produtos que os cantineiros enviam à COPPALJ solicitando mercadorias para abastecer a cantina (B).....	32
Figura 11- Questionário aplicado com cooperados da COPPALJ.....	31

LISTA DE SIGLAS

AMTR - Mulheres Trabalhadoras Rurais – Lago do Junco e Lago dos Rodrigues.

ASSEMA - Áreas de Assentamento do Estado do Maranhão.

COOPAESP - Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Esperantinópolis.

COPPAL- Cooperativa de Pequenos Produtores rurais de Lago do Junco.

IBD-Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural.

MIQCB - Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu.

OCB- Organização das Cooperativas Brasileiras.

ODS-Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

ONU- Assembleia Geral das Nações Unidas.

UFMA- Universidade Federal do Maranhão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Cooperativismo: breve histórico	13
2.2 Importância social e econômica do Cooperativismo	15
2.3 Cooperativismo na Agricultura Familiar	17
2.4 O Cooperativismo e o extrativismo do Coco Babaçu no Médio Mearim Maranhense	19
2.5 Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco - COPPALJ	21
2.5.1 Atividades realizadas pela COPPALJ	24
3 OBJETIVO DA PESQUISA	29
4 METODOLOGIA	29
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
5.1 Funcionamento da Cantina da COPPALJ	31
5.2 Tempo de cooperado na COPPALJ e as atividades desenvolvidas pelos entrevistados	33
5.3 Quantidade média em Kg/mês de amêndoas comercializadas na Cantina e percentual de contribuição na renda familiar	35
5.4 Importância do extrativismo do coco babaçu nos âmbitos Econômico Cultural e Social	36
5.5 Vantagens em ser um cooperado na COPPALJ, formação (Capacitação técnica) enquanto cooperado	38
5.6 Cooperativismo e melhoria na qualidade de vida	39
5.7 Óleo vegetal do coco babaçu, utilização do subproduto, produtos comercializados pela cooperativa	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE A – Questionário de Pesquisa	46

1 INTRODUÇÃO

O cooperativismo é uma forma de organização social que possui uma função multidimensional de grande relevância para o desenvolvimento local. Tem como base os aspectos econômico, social, político e cultural, contribuindo para a formação e distribuição de renda, de modo justo e igualitário dentre seus cooperados (SILVA, 2017).

De acordo com a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), o cooperativismo é mais que uma organização comercial, é também um movimento, uma filosofia de vida e modelo socioeconômico com potencial de promover crescimento econômico e bem-estar coletivo. Sendo que a cooperação, transformação e equilíbrio são os princípios que embasam e fortalecem sua identidade (OCB, 2019).

As cooperativas são especialmente importantes na zona rural devido a sua possibilidade de organização do espaço e a produção no campo, constituindo uma alternativa que pode auxiliar na estruturação da atividade produtiva, maximizando os ganhos da agricultura familiar, proporcionando estabilidade e segurança para agricultores familiares que lutavam individualmente para fazer frente à concorrência e transformações no ambiente competitivo (ANDRADE; ALVES, 2013).

Para Santos e Ceballos (2006), o cooperativismo é fortalecido em resposta às dificuldades socioeconômicas, funcionando como uma estratégia de inclusão social e como uma possibilidade para que pequenos produtores/empresários consigam se manter no mercado de trabalho.

Na última década, com o crescimento contínuo de crises econômicas e sociais, observa-se um aumento de cooperativas. Sendo que essas cooperativas beneficiam não só seus cooperados, mas também todo o meio social em que a associação está inserida. Atualmente há 4880 cooperativas registradas, sendo que no ano anterior havia 4868 atuantes nos sete ramos do cooperativismo (Anuário COOP 2022).

Segundo o Anuário do Cooperativismo Brasileiro de 2022, as cooperativas agropecuárias são um dos mais tradicionais ramos do modelo de negócios cooperativista, e em 2021 este setor totalizou 1.170 cooperativas ativas, com 1.024.6051 de cooperados, gerando 239 mil empregos diretos, proporcionando mais qualidade de vida e desenvolvimento em todo o país (Anuário COOP 2022). Sua relevância é muito mais que apenas números, a existência dessas intuições

cooperativas contribui para o atingimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), segundo a Organização das Nações Unidas.

No Brasil, o cooperativismo é configurado como um movimento que se preocupa com a implantação de práticas inovadoras, bem como com a melhoria da qualidade de vida dos seus associados (SERENO; BARBOSA, 2019). Há também um grande interesse em saber como os cooperados poderão ter uma participação mais ativa nas decisões, tanto na instituição cooperativa da qual faz parte quanto na própria sociedade de modo geral.

No Maranhão, muitas experiências de instituições cooperativas, sobretudo relacionadas à agricultura familiar, surgem no Estado. Essas cooperativas foram resultantes da própria necessidade econômica e social dos agricultores e também por influências políticas. Nesse contexto foi criada no Médio Mearim maranhense Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (COPPALJ), de âmbito regional, fundada e gerida por agricultores(as) familiares rurais e extrativistas do coco babaçu. Por meio da COPPALJ seus cooperados conseguiram chegar ao mercado internacional comercializando óleo orgânico do coco babaçu e co-produtos por um valor superior ao do mercado interno. E essa possibilidade de comercialização local e internacional foi determinante para o crescimento e a estabilidade financeira dessa cooperativa.

Assim, esta pesquisa visa verificar a importância social e econômica da Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco - COPPALJ para agricultores familiares cooperados no município de Lago do Junco – MA.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Cooperativismo: breve histórico

O cooperativismo moderno surgiu após a Revolução Industrial, no ano de 1844 em Rochdale, na Inglaterra, 28 pessoas, a maioria tecelões de flanela, fundaram a “Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale” (FERREIRA; GRIEBELER, 2022; STAUB; FUHRMANN; STAUB, 2016). Cada um deles economizou uma libra durante um ano para montar a uma pequena cooperativa de consumo e comercialização de produtos de qualidade com preços acessíveis, visando unir forças frente a Revolução Industrial, que resultava em um cenário de salários baixíssimos, desemprego, pobreza, aumento das desigualdades sociais e concentração de renda (FERREIRA; GRIEBELER, 2022; BÜTTENBENDER et al., 2022).

Assim, os Probos Pioneiros lançaram ao mundo a semente do sistema econômico do cooperativismo. Essa cooperativa teve o mérito de demonstrar o valor do princípio de distribuir os lucros em proporção às compras (produção) e não em proporção ao capital (MARQUES; COSTA, 2021). Esse modelo cooperativo tinha como base uma doutrina que preconizava a colaboração e a união de pessoas que tinham interesses comuns na obtenção de benefícios em suas atividades econômicas.

Diante da difícil situação econômica daquela época, começaram a aparecer lideranças e associações que se desenvolveram e ganharam espaço no decorrer do tempo, minimizando assim os efeitos do capitalismo (STAUB; FUHRMANN; STAUB, 2016).

Em 1844, com o exemplo que se tornou famoso e mundialmente conhecido – a cooperativados pobres tecelões de Rochdale, era na realidade o início da cooperação de consumidores que buscavam melhor qualidade de vida e solução para seus próprios problemas de desemprego e fome. Tentativas anteriores já haviam ocorrido sem sucesso devido a vários fatores ligados à falta de experiência gestonária das várias associações de auxílio mútuo, mas sobretudo, devido oposição governamental e empresarial, temerosa de qualquer atividade que pudesse levar a união dos trabalhadores e a protesto quanto às graves condições de trabalho no início do século XIX (PINHO; PALHARES, 2004, p. 33).

Essas iniciativas cooperativistas perduram até os dias atuais, por meio das cooperativas. Sendo essas cooperativas exemplos de propostas locais de desenvolvimento econômico e social, uma vez que objetivam a ações coletivas para

um bem dos seus cooperados, de modo solidário e participativo, possibilitando a criação de formas justas, solidárias e de agregação de renda para muitos cooperados (MARQUES; COSTA, 2021).

Para que essas cooperativas consigam de fato alcançar os objetivos que se propõe elas são orientadas por sete princípios, os quais de acordo com Menegon, InocÊNCIORO-DRIGUES (2006) são:

- 1º Adesão Livre e Voluntária: em geral, todas as pessoas têm liberdade de associar-se a uma cooperativa;
- 2º Gestão Democrática pelos Sócios: a cooperativa é administrada pelos sócios;
- 3º Participação Econômica dos Sócios: os sócios integralizam o capital social da cooperativa através de quotas-partes.
- 4º Autonomia e Independência: as cooperativas são empresas autônomas controladas por seus cooperados, que devem decidir sobre suas atividades, definir sua missão, objetivos e metas;
- 5º Educação, Formação e Informação: este princípio objetiva o desenvolvimento cultural e profissional do cooperado e da sua família;
- 6º Cooperação entre Cooperativas: na era da globalização a integração com parcerias é a chave da sobrevivência;
- 7º Interesse pela Comunidade: as cooperativas também contribuem com o desenvolvimento da comunidade, com a geração de empregos, produção, serviços e preservação do meio ambiente (MENEGON; INOCÊNCIORO-DRIGUES, 2006).

No Brasil, a primeira Cooperativa foi estabelecida em 1889 (SICOOB CECREMEF, 2019), e apenas em 1971 foi promulgada a Lei nº 5.764/1971 que regulamentava a criação de cooperativas no país. Alguns anos mais tarde a Constituição Federal de 1988 proibia a interferência do Estado e concedeu às cooperativas a liberdade de autogestão (MICHELS; COLETTI LUNA; RINALDI, 2021). Segundo Casagrande (2014), as duas primeiras cooperativas formais do Brasil foram as Cooperativa dos Empregados da Companhia Telefônica, criada no ano de 1891, em Limeira – SP e Cooperativa do Proletariado Industrial de Camaragibe, com fundação em 1894, em Pernambuco, sendo o cooperativismo agrícola o mais comum no país atualmente.

Até o ano de 2019, o Brasil tinha 13 ramos diferente de cooperativas, mas a partir de 2020 após reanálise democrática com avaliação das vantagens para as cooperativas, passou para uma configuração de 7 setores: agropecuário; consumo; crédito; infraestrutura; saúde; trabalho produção de bens e serviços; e transporte segundo a resolução OCB nº 56/2019. Sendo que essa mudança visa garantir que o sistema das organizações cooperativas se torne ainda mais próximo da realidade das cooperativas do país (OCB, 2022).

2.2 Importância social e econômica do Cooperativismo

O cooperativismo objetiva a valorização das pessoas não apenas do dinheiro da organização. Assim, o cooperativismo contribui com a inclusão social, ao passo que enxerga essas pessoas como seres humanos e como geradores de riqueza. Os cooperados são, concomitantemente, proprietários e usuários da cooperativa e precisam geri-la de modo consciente, por meio da autogestão, contribuindo assim para o resgate de valores que foram se perdendo com o decorrer do tempo juntamente com o crescimento do sistema capitalista, como a relevância da força de trabalho e de produção de riqueza de cada indivíduo (FARIAS; GIL, 2013).

Segundo o relatório do Banco Mundial, dificilmente se encontrará uma estratégia mais efetiva do que o cooperativismo para encorajar e impulsionar a atuação das pessoas de modo geral na realização de programas de desenvolvimento (OCB, 2012). No caso, segundo Fuzinato et al. (2019), o principal fator do desenvolvimento local resultante do cooperativismo é decorrente da atuação dos seus associados que, por meio do trabalho cooperativo, descobrem sua potencialidade de gerar valores e atitudes que possam culminar em melhorias de sua qualidade de vida e para a integração institucional, local e regional através de ações que busquem reduzir a dependência externa e estimular iniciativas empreendedoras (FUZINATTO et al., 2019).

Corroborando essa importância social do cooperativismo, Teixeira et al. (2017), destaca que o cooperativismo é considerado a base democrática de uma instituição, e visa gerar empregos, distribuir renda, defender a natureza e a segurança alimentar. E as cooperativas, de acordo com Thesing, Brum e Metogbe (2022), são alternativas socioeconômicas, de organização e funcionamento, de uma empresa coletiva e comunitária. E esse fenômeno ganhou evidência global em 2012, ao ser indicado pela Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) como instituições com potencial para reduzir a pobreza. Essa indicação corrobora as contribuições do cooperativismo em favor da mitigação da pobreza, da integração social e do desenvolvimento de todos os setores econômicos.

Um dos setores onde o cooperativismo tem um impacto social mais significativo no Brasil é na Agricultura Familiar e pequenos produtores rurais, representando uma estratégia para o fortalecimento dessas categorias e prevenindo a vulnerabilidade econômica (ANJOS; ROCHA; SILVA, 2022). A criação de cooperativas é

extremamente importante para o funcionamento dos mercados institucionais, e também para que as famílias rurais consigam se organizar para fazerem parte das chamadas públicas, e possam planejar a própria produção, dividir os trabalhos, ter acesso à assistência técnica e a garantia de uma oferta regular e variada de produtos (SILVEIRA; ANJOS, 2022).

Além disso, a responsabilidade social deve ser uma marca das cooperativas, reforçando seus vínculos com os associados e estimulando a cooperação. Sendo que para ser considerada socialmente responsável, uma cooperativa precisa gerir suas atividades econômicas maximizando seu potencial, e sempre considerando o meio em que está inserida, as consequências de suas ações na sociedade e meio ambiente e a sua responsabilidade com a sustentabilidade como um todo (FERREIRA; GRIEBELER, 2022).

O cooperativismo é considerado uma doutrina, um sistema, uma iniciativa, um movimento e/ou uma atividade que tem nas cooperativas seu padrão organizacional, tendo como alicerces a economia solidária, a democracia, participação coletiva, os direitos e deveres iguais, sem discriminações (BÜTTENBENDER et al., 2022). E sua configuração por si só já serve como marketing pelo apelo da economia social, sobretudo para cooperativas de pequenos produtores competirem com grandes empresas com mais paridade (TEIXEIRA et al., 2017; BATZIOS et al., 2021).

Assim, a importância econômica e social do cooperativismo perpassa também pela geração de trabalho e renda para populações que, normalmente, ficam à margem no mercado, através de uma conjuntura associativa, eliminando-se atravessadores o que maximiza seus ganhos, contribuindo para a inclusão econômica de milhares pessoas em cooperativas espalhadas em todo o mundo (FARIAS; GIL, 2013).

Além disso, as cooperativas fornecem o auxílio necessário aos produtores, desde conhecimentos técnicos até a aquisição de máquinas para a produção, o que dá a seus cooperados muitas vantagens, além das ofertadas pelo Governo. Assim, o cooperativismo pode ser uma forma de obtenção de lucros coletivamente (TEIXEIRA et al., 2017).

O cooperativismo brasileiro aumentou sua participação no mercado nos últimos dez anos, e atualmente há no Brasil, segundo a Anuário Coop (2022), 4.880 cooperativas registradas no país atuantes nos sete ramos do cooperativismo, contribuindo para geração de riquezas e empregos (493.277) no país. E ainda

segundo o referido anuário, em 2021, o cooperativismo movimentou 784,3 bilhões de reais, um aumento de 20% em relação a 2020.

2.3 Cooperativismo na Agricultura Familiar

Atualmente o modelo produtivo requer mais flexibilidade, bem como maior controle e qualidade sobre o trabalho e a produção, para responder de forma ágil às novas demandas do mercado (BUENDÍA MARTÍNEZ; PIRES, 2002). Dessa forma, nesse mercado tão competitivo, as cooperativas rurais surgem como uma alternativa viável, pois beneficiam o pequeno agricultor e permitem que ele escoe sua produção, garantindo a compra de matéria-prima, insumos e suprimentos a preços atrativos (TEIXEIRA et al., 2017).

Todo lucro gerado em uma cooperativa é dividido de forma igualitária para que o capital não fique apenas na mão do empresário como ocorre nas empresas privadas, visando um maior desenvolvimento, superação de problemas e fortalecer atividades agrícolas (BATZIOS et al., 2021)

Para o pequeno produtor o cooperativismo é extremamente benéfico pois oferece acesso a novas tecnologias, crédito, oportunidade de ingresso em mercados mais competitivos, vantagens fiscais, dentre outros. Os mesmos encontram muitos desafios relacionados a comercialização e compra de insumos dessa forma as cooperativas é uma alternativa mais viável para escoar a produção e assegurar a comercialização a preços competitivos para os pequenos agricultores (TEIXEIRA et al., 2017).

Pires (2010) salienta que as cooperativas são concebidas pela sua capacidade de organizar o espaço e a produção rural, e se identificam como uma alternativa capaz de organizar a atividade produtiva, potencializando as vantagens da agricultura familiar e revitalizando os territórios.

As cooperativas precisam evidenciar que as grandes bandeiras sociais como pleno emprego, distribuição de renda, justiça social, segurança alimentar, desenvolvimento local e regional sustentável, são também suas bandeiras, porque pregam seus princípios. Na medida em que realizam isso, as cooperativas assumem um novo papel, ao serem defensoras das democracias e promotoras da paz (SCHREINER, 2011).

Através da cooperação, os agricultores podem realizar economias de escala na aquisição de insumos agrícolas, melhorar seus padrões de produção e

comercialização, buscar acesso ao crédito, transporte, serviços profissionais e, além disso, criar emprego e proporcionar desenvolvimento socioeconômico (ZARAFSHANI et al., 2010). Dessa forma, os produtos que fazem parte de uma cooperativa conseguem vender mais produtos e melhorar a rentabilidade do seu negócio. Isso permite aumentar a produção e ter mais desenvolvimento.

Na agricultura familiar as cooperativas vêm contribuindo para a potencialização dos locais onde estão inseridas confirmando a perspectiva presente na literatura que identifica as cooperativas como estratégias importantes para o desenvolvimento local/rural. Funcionam como centrais e depósitos de beneficiamento e entrega de produtos (BUENDÍA MARTÍNEZ; PIRES, 2002).

Com o aumento do êxodo rural e a diminuição do número de famílias agrícolas é notável a incapacidade das famílias de se sustentarem exclusivamente da agricultura evidenciando a impossibilidade desse tipo de produtor de assimilar as demandas e a própria lógica do mercado e de incorporar as inovações tecnológicas. Dessa forma os agricultores familiares ficam dependentes de políticas públicas para se manter enquanto no corpo social (CARNEIRO, 1997).

Além disso, nos últimos anos muito se fala em crise ambiental, tornando-se recorrente o discurso de repensar o uso da biodiversidade, agregando valor aos produtos extrativistas e valorizando o conhecimento tradicional dos povos da floresta (PORTO-GONÇALVES, 2001; LIRA et al., 2009; PORRO; SHIRAIISHI NETO, 2013). Nesse cenário, surgiu algumas cooperativas extrativistas que demonstram que é possível promover uma economia de produtos florestais que concilie conservação e desenvolvimento como a Cooperativa Mista dos Produtores Extrativistas do Rio Iratapuru, conhecida como CAMARU. A Comaru se propõe a fortalecer comercialmente a região e promover o protagonismo e a autonomia dos povos da Amazônia, e acredita que a produção e o comércio devem estar sob domínio de quem respeita e entende a floresta de forma sustentável (PORRO; SHIRAIISHI NETO, 2013).

O extrativismo atualmente é estabelecido frente ao cenário de disputas pela ocupação do território e pela apropriação dos recursos naturais. Organizando-se em prol da população desfavorecida e contra grandes latifundiários e elites dominantes. Logo, a problemática do extrativismo engloba ainda os conflitos sociais em torno da disputa por recursos. Tal como apontam os trabalhos de Little (2004), Acseirad (2004) e Mota et al. (2011), os conflitos emergem de disputas entre grupos sociais que

apresentam distintos tipos de relação com o meio natural onde vivem, tornando os recursos objetos de disputas onde suas bases de sustento estão ameaçadas.

O extrativismo reemerge como importante atividade para reprodução social das famílias e para a conservação da biodiversidade. Visando possibilidade de desenvolvimento econômico, possibilidade de conservação dos recursos naturais e do modo de vida das populações amazônicas. A grande maioria dos extrativistas atuam de forma não cooperada devido às suas condições socioeconômicas precárias, mas não deixam de cooperar na comunidade com outros extrativistas e na família. Desenvolvem-se como forma de burlar a precarização do trabalho na luta para valorização dos trabalhadores, os extrativistas ainda vivem na informalidade e em condições bastante precárias, sem acesso a direitos sociais básicos, uma atividade não regulamentada (ALMEIDA, 1994).

2.4 O Cooperativismo e o extrativismo do Coco Babaçu no Médio Mearim Maranhense

A colaboração de pessoas, unidas por meio de um interesse em comum, é o conceito chave do cooperativismo. De acordo com Sereno e Barbosa (2019) no Brasil, as primeiras experiências de cooperativismo remontam ao século XIX. No século XX, inúmeras experiências cooperativas conseguiram expressão nacional nas décadas de 1970 e 1980. No Maranhão, isso não se diferenciou do tipo de cooperativa que se desenvolveu em outros Estados, sendo um cooperativismo articulado às elites dominantes e latifundiárias da região.

Entretanto, pequenos grupos passaram a se articular, desse modo as formas e a visão de cooperativismo foram se modificando, e esse que era uma característica dos grandes grupos latifundiários passou a ser também dos pequenos produtores, ou seja, trabalhadores, que estavam preocupados com adoção de novas práticas, com o objetivo de promover ao mesmo tempo, o desenvolvimento econômico e social, individual e coletivo, sempre de maneira sustentável e equilibrada, como é o caso das associações e cooperativas presentes na região do Médio Mearim, tal como a Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativista de Lago do Junco (COPPALJ), uma organização privada sem fins lucrativos de caráter regional, criada e liderada por agricultores (as) familiares rurais e extrativistas do coco babaçu (BURCHI; VICARI, 2014).

O extrativismo do coco babaçu é algo que se perpetua na região desde a chegada dos primeiros moradores. Entretanto, a desvalorização em relação ao trabalho praticado majoritariamente pelas mulheres (coleta e quebra do babaçu) foi algo recorrente principalmente entre as décadas de 70 e 80, uma vez que as terras que eram tidas como livres deram-se como privatizadas, desse modo, as mesmas passaram a ter cercas e o acesso aos babaçuais passou a ser limitado pelos fazendeiros. Além disso, foram impostas algumas condições, dentre elas, a de que a coleta do coco babaçu só poderia ser realizada se as amêndoas fossem comercializadas por atravessadores da confiança desses fazendeiros, onde o valor pago por quilo (kg) não era condizente com a realidade, tampouco com o trabalho exercido pelas mulheres no processo de retirada das amêndoas (quebra do coco) (VICARI, 2014).

Diante da situação, e em busca de uma alternativa que viesse valorizar a atividade de extrativismo do coco babaçu, que por sinal era/é uma das principais fontes de renda das famílias, as mesmas começaram a se articular junto a Associação em Áreas de Assentamento do Estado do Maranhão - ASSEMA (fundada em 1991), cujo principal objetivo era a comercialização justa e visando encerrar a venda da amêndoa do coco babaçu para atravessadores.

O aumento de preço da amêndoa do babaçu conduziu a uma melhoria importante às condições de vida aos trabalhadores (as) extrativistas do coco na região. Além de aumentar a contribuição do trabalho feminino na renda familiar, elevando o poder de compra da família, resgatou mais liberdade às extrativistas; que, agora, não necessitam mais sair todos os dias, para a quebra do coco a fim de assegurar o alimento do dia-a-dia. Também eliminou grande parte da relação de dependência com o atravessador, podendo agora comercializar as amêndoas na comunidade, sem ter que aguardar a chegada do caminhão ou ter de pagar passagem no carro de linha, como nas comunidades em que os mesmos existem, para conseguir ir até à zona urbana vender amêndoas e comprar os produtos necessários. Essa mudança significa ainda uma liberdade de decisão sobre o consumo da família e uma maior possibilidade de planejamento do mesmo (SERENO e BARBOSA, 2019, p.45)

Com a consolidação da cooperativa, além da valorização em relação ao preço pago no quilo (kg) de babaçu, a COPPALJ produz e exporta produtos derivados do babaçu, como é o caso óleo refinado de coco babaçu, que é utilizado no preparo de alimentos, além do óleo bruto utilizados por grandes empresas na produção de cosméticos (BURCHI; VICARI, 2014).

É importante salientar que bem antes da criação da COPPALJ, as famílias da região já ensejavam por um bem comum, uma coletividade, desse modo, haviam

fundado outras instituições não governamentais como é o caso Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais – Lago do Junco e Lago dos Rodrigues (AMTR), que tinha como principal bandeira o livre acesso aos babaçuais; Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), que também luta pelo o livre acesso aos babaçuais, assim como sua defesa, e graças a essas associações e cooperativas que em 1997 no município de Lago do Junco é aprovada a primeira Lei Municipal que trata do “babaçu livre”, Lei n° 05/97, pela qual se garante às quebradeiras de coco do município e às suas famílias o direito de livre acesso e uso comunitário, mesmo aos situados em propriedades privadas, além de impor restrições significativas à derrubada da palmeira (LIMA, 2020).

Na região do Médio Mearim maranhense há também a Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Esperantinópolis (COOPAESP), cujo o objetivo de todas entidades são os mesmos, apoiar e valorizar a produção na agricultura e no agroextrativismo familiar, no sentido de fortalecer as mudanças econômicas das pequenas comunidades rurais (PORRO et al., 2010).

2.5 Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco - COPPALJ

A COPPALJ (Figura 1), foi fundada em 1992 resultante de um processo de mobilização coletiva da população local (Figura 2), acometida pela exclusão socioeconômica e pelas relações desiguais de poder na zona rural. Esses fatores foram determinantes para tornar a COPPALJ uma cooperativa genuína, visto que que é uma organização resultante da luta de pequenos agricultores familiares para obter liberdade econômica de acesso a mercados e recursos naturais na zona rural de Lago do Junco, Maranhão (BURCHI; VICARI, 2014).

Figura 1: Sede da COPPALJ nos primeiros anos de fundação



Fonte: arquivos da COPPALJ.

Figura 2: Reunião de cooperados da COPPALJ



Fonte: arquivos da COPPALJ

O principal fator que levou a criação dessa cooperativa foi a necessidade superar o poder monopolista dos latifundiários, que antes eram os únicos compradores das amêndoas do babaçu. Desse modo, os cooperados da COPPALJ criaram um modelo produtivo de comercialização que pudesse coibir a comercialização dessas amêndoas a preços baixíssimos para proprietários de terras (SERENO; BARBOSA, 2019; VICARI, 2014).

Desse modo, o objetivo da COPPALJ era eliminar a figura do atravessador na comercialização da amêndoa e óleo do babaçu, visto que estes produtos eram vendidos por preços subavaliados para esses intermediários e estes os revendiam no mercado externo, o que tirava qualquer possibilidade de lucro das quebradeiras de coco (BURCHI; VICARI, 2014).

A criação da COPPALJ foi resultado de lutas das famílias de trabalhadores rurais, homens e mulheres extrativistas que passaram muitas situações difíceis e vivenciaram vários conflitos agrários. Desse modo, a fundação da referida cooperativa se constitui como importante estratégia concebida do anseio e necessidade de acesso a outras possibilidades de mercado e da necessidade de libertação da exploração do poder do monopolista dos atravessadores comerciais. Além disso, essa cooperativa fortaleceu a articulação de movimentos de mulheres quebradeiras de coco em busca de melhores condições de vida e de mais reconhecimento na sociedade, proporcionando mais autonomia e conquista de direitos sociais para essas mulheres (LIMA, 2020).

A COPPALJ tem como missão e valores:

Ampliar a produtividade, beneficiamento e comercialização do óleo babaçu e produtos agrícolas advindos da agricultura familiar baseada em princípios agroecológicos por meio da busca e acesso aos direitos sociais, políticos, educacionais e de preservação ambiental (COPPALJ, 2022).

Com a consolidação da COPPALJ, agricultores e quebradeiras de coco sem-terra buscaram formas organizacionais para enfrentar conflitos fundiários e violações de direitos que culminaram dentre outras coisas, depois de muitas lutas, discussões, articulações, com a Lei do Babaçu Livre (nº 05/1997 e nº 01/2002) no município de Lago do Junco, que depois viria ser espelho para elaboração de leis com abrangência estadual e mesmo federal sobre esse tema. Essa lei do babaçu livre representa uma estratégia para a regulamentação e a proteção da atividade das quebradeiras de coco, além do livre acesso e incluem a necessidade de preservação dos babaçuais, sendo proibido o uso de veneno nos babaçuais, ou outras práticas danosas como corte do cacho, derrubadas desordenadas, queimadas, cultivos de plantações que gerem algum prejuízo ao seu desenvolvimento das palmeiras.

Fundada e constituída por agroextrativistas do coco babaçu, a COPPALJ é sócia da Associação em Áreas de Assentamentos no Estado do Maranhão (ASSEMA), a qual cria estratégias juntamente com as associações e cooperativas voltadas para a preservação e uso sustentável do babaçu e o comércio justo e comércio solidário (ASSEMA, 2019).

Atualmente a COPPALJ (Figura 3 e 4) possui 226 cooperados trabalhando no âmbito da economia solidária (maioria mulheres) dos municípios de Lago do Junco, Lago dos Rodrigues e Bom Lugar no estado do Maranhão. A cooperativa desenvolve ações de produção de base ecológica e comercialização solidária no âmbito das nove

comunidades rurais em que atua. E dentre esses associados a maioria dos homens são pequenos agricultores enquanto as mulheres lidam predominantemente com a extração e comercialização coco babaçu (COPPALJ, 2022).

Figura 3: Logotipo da COPPALJ



Fonte: Sítio eletrônico da COPPALJ (2023).

Figura 4: Vista da estrutura predial da sede da COPPALJ



Fonte: do próprio autor (2023).

2.5.1 Atividades realizadas pela COPPALJ

A COPPALJ dispõe de uma planta industrial (vide Figura 5) que processa as amêndoas do coco babaçu para produção de óleo de babaçu *bruto*, destinado a indústria de cosméticos e óleo de babaçu *refinado* para a alimentação humana e indústria farmacêutica. Esses dois tipos de óleos são orgânicos com Certificado do Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural (IBD) (CENTRAL DO CERRADO, 2020).

Figura 5: Planta industrial da COPPALJ na qual é realizado o processamento das amêndoas do babaçu (A e B) e maquinários de envase (C) e rotulagem (D) do óleo refinado.



Fonte: do próprio autor (2023).

O óleo de babaçu é rico em ácido láurico sendo utilizado nas indústrias saboeiras, cosméticas e oeloquímicos. Esse produto é comercializado para indústrias de cosméticos nos mercados nacional e internacional (ASSEMA, 2019).

No âmbito regional, o óleo filtrado é utilizado na fabricação de sabão e sabonetes, em uma fábrica localizada na comunidade rural de Ludovico no município de Lago do Junco - MA. Esse óleo é obtido através de uma parceria da Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais – Lago do Junco e Lago dos Rodrigues (AMTR), com a COPPALJ da qual as associadas da AMTR também são cooperadas na COPPALJ e fornecem amêndoas de babaçu (SILVA, 2020).

Na cooperativa em questão todos os colaboradores (funcionários) são cooperados e passam por capacitações técnicas em todos os setores da agroindústria desde o recebimento das amêndoas do coco babaçu até a comercialização dos óleos. O óleo é obtido a partir das amêndoas fornecidas pelas quebradeiras de coco babaçu da região do Médio Mearim e demais colaboradores (CENTRAL DO CERRADO, 2020).

Além do óleo, a COPPALJ produz e comercializa a “torta de Babaçu” (Figura 6) nos mercados nacionais e internacionais. A “torta de Babaçu” é um co-produto resultante de prensagem das amêndoas do coco de babaçu, comumente empregada na alimentação animal, rico em fibras, material mineral, gordura vegetal, extrato etéreo e proteína bruta (ASSEMA, 2020). Uma parte dessa co-produto é comprada pelos próprios cooperados que utilizam como ração na atividade de criação de animais.

Figura 6: “Torta de Babaçu” resultante de prensagem das amêndoas do coco de babaçu



Fonte: do próprio autor (2023).

A forma como a COPPALJ foi configurada no município do Lago do Junco - MA foi de extrema importância para estabelecer um preço mais justo pago pelo coco babaçu para as quebradeiras de coco da região (SERENO, 2016). A principal atividade da cooperativa é comprar a produção dos cooperados, isto é, amêndoas do coco babaçu, processá-las e comercializar os óleo e derivados (BURCHI; VICARI, 2014).

A COPPALJ disponibiliza uma estrutura comercial em algumas comunidades rurais do município de Lago do Junco - MA onde operam como receptoras das amêndoas extraídas pelas quebradeiras de coco babaçu, denominada de “Cantina¹” (vide Figura 7 e 8). Além de funcionar como local de recepção das amêndoas extraídas pelas quebradeiras de coco babaçu, também funciona como local de venda de produtos de mercearia que compõem a cesta básica, higiene, limpeza, eletrodomésticos e etc. As Cantinas exercem um papel estratégico para a cooperativa e na geração da renda das famílias (CENTRAL DO CERRADO, 2020).

Os cooperados também podem vender seu excedente de produção (agrícola) para a “Cantina” e comprar produtos da cesta básica que são comercializados na nessa mercearia/comércio a um preço mais baixo do que os preços praticados para não-cooperados da COPPALJ. Quando ocorre “sobras”² na cooperativa, essas são repartidas às famílias dos cooperados no final do ano, na proporção da participação de cada família nas transações realizadas nas “Cantinas” (SERENO, 2016; SERENO; BARBOSA, 2019).

Figura 7: Cantina da comunidade São Manoel



Fonte: do próprio autor (2023).

¹ Cantinas são pequenos comércios (mercearias) localizados na zona rural.

² Lucro a ser repartido com os cooperados na proporção de suas participações no fornecimento de amêndoas à cantina.

Figura 8: Parte interna da Cantina



Fonte: do próprio autor (2023).

Além disso, a COPPALJ possui terras agrícolas que os cooperados podem usufruir coletivamente, praticando métodos agroecológicos e orgânicos cultivados junto com as palmeiras de babaçu o que inclusive possibilitou que a cooperativa pudesse usar um rótulo orgânico para os óleos produzidos (BURCHI; VICARI, 2014).

3 OBJETIVO DA PESQUISA

Compreender qual a importância social e econômica da Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco - COPPALJ para agricultores familiares cooperados no município de Lago do Junco – MA.

4 METODOLOGIA

A pesquisa adotada neste estudo é caracterizada como sendo descritiva, com uma abordagem qualitativa buscando aprofundar a compreensão sobre um determinado grupo social.

Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva é realizada para descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas particularidades está no emprego de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. Para Rudio (2012, pg. 71) os dados obtidos na pesquisa descritiva devem ser analisados e interpretados e podem ser qualitativos ou quantitativos.

Para elaboração deste estudo foram realizadas pesquisas nas bases de dados nacionais, buscas no acervo das bibliotecas da UFMA, em Revistas Científicas digitais, Monografias, livros relacionados com o tema estudado, leis em sites oficiais.

A pesquisa foi realizada no município de Lago do Junco – MA, tendo como grupo de estudo, agricultores familiares cooperados da COPPALJ (Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco). Como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário (Apêndice A) contendo perguntas fechadas e também perguntas abertas, totalizando 16 perguntas sobre a importância social e econômica da COPPALJ na vida dos cooperados. Bem como, consulta nos documentos elaborados pela Cooperativa.

A entrevista foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2022, com 68 cooperados (30% do quantitativo de cooperados da COPPALJ) das 08 (oito) comunidades rurais onde possui a “Cantina” da COPPALJ, sendo as comunidades: Sítio Novo, Centrinho do Acrísio, Centro do Aguiar, Santa Zita, São Manoel, Ludovico, Três Poços e São Francisco.

A participação na pesquisa se deu principalmente pela disponibilidade e interesse voluntário dos cooperados, onde o diálogo estabelecido na entrevista

proporcionou maior compreensão para análise das informações, considerando-se uma possível dificuldade no desenvolvimento de atividades de leitura, compreensão e escrita do público da pesquisa.

Na análise e sistematização das informações coletadas, utilizou-se o Software Excel 2016 para produção dos gráficos e análise descritiva dos dados, bem como o embasamento da literatura consultada para discussão dos resultados obtidos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Funcionamento da Cantina da COPPALJ

A Agroindústria da COPPALJ é localizada na zona urbana do município de Lago do Junco – MA, todavia, o sistema organizacional da COPPALJ é centrado nas “Cantinas”. A Cantina é o local de recebimento, isto é, onde são entregues as amêndoas do coco babaçu pelos cooperados, bem como também, não cooperados. Essa matéria-prima é recolhida e posteriormente enviada à agroindústria da COPPALJ para a produção industrial do óleo de babaçu bruto e do óleo de babaçu refinado (vide Figura 9), ambos orgânicos com Certificado do Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural.

Figura 9: Óleo de babaçu bruto (A) e Óleo de babaçu refinado (B)



Fonte: do próprio autor (2023).

As Cantinas atuam também como mercadinhos comunitários e estão presentes em 08 (oito) comunidades rurais, onde são comercializados mais de 2 mil itens de mercadorias (itens da cesta básica em sua maioria) que atende cerca de 1.600 pessoas, sendo cooperados e não cooperados. Além de atenderem o público em geral, geram emprego direto nas comunidades, como é caso da função de “cantineiro” - pessoa responsável pela Cantina da comunidade, onde geralmente é um cooperado ou filho(a) de um cooperado.

A COPPALJ possui um galpão onde armazena as mercadorias que abastecem as Cantinas e os cantineiros elaboram uma Lista de produtos (Figura 10), a qual é enviada para a COPPALJ a cada 2 vezes por semana e posteriormente as mercadorias são enviadas as Cantinas que fizeram a solicitação.

Figura 10: Galpão onde são armazenadas as mercadorias que abastecem as Cantinas (A) e lista de produtos solicitando mercadorias para abastecer a cantina (B)



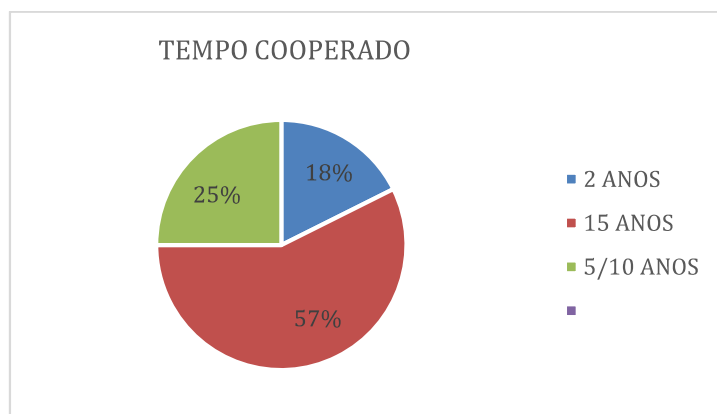
Esses estabelecimentos atuam como importante instrumento social e econômico para os cooperados, onde os mesmos conseguem comercializar as amêndoas do coco babaçu a um valor superior aos preços médios praticados nas localidades próximas e adquirir os produtos comercializados na Cantina a preços mais baixos do que os comercializados nos pequenos comércios/mercearias presentes nas comunidades rurais onde existe uma Cantina. Isso garante que muitas famílias tenham o sustento mês a mês, sobretudo dos alimentos que compõem a cesta básica.

Nos sub tópicos seguintes serão apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir das informações obtidas por meio do questionário aplicado (Figura 11) com 68 cooperados das 8 comunidades rurais onde estão presentes as Cantinas, onde foi possível obter informações sobre os cooperados e sua relação com a COPPALJ e seus produtos e atividades desenvolvidas.

5.2 Tempo de cooperado na COPPALJ e as atividades desenvolvidas pelos entrevistados

Quando perguntados há quanto tempo são cooperados na COPPALJ, as respostas variaram de 2 a 15 anos (Vide Gráfico 1), evidenciando que há diferentes gerações de cooperados. Sendo que o maior percentual de cooperados (57%) estão associados há quinze anos, 25% há dois anos e os demais entre cinco e dez anos. Alguns cooperados mais antigos já se aposentaram e os filhos é que ficaram como cooperados ativos, por isso há prevalência de cooperados nos últimos 15 anos e não houve relatos entre os entrevistados de cooperados com mais de 15 anos de cooperado na COPPALJ.

Gráfico 1: Tempo de cooperados na COPPALJ

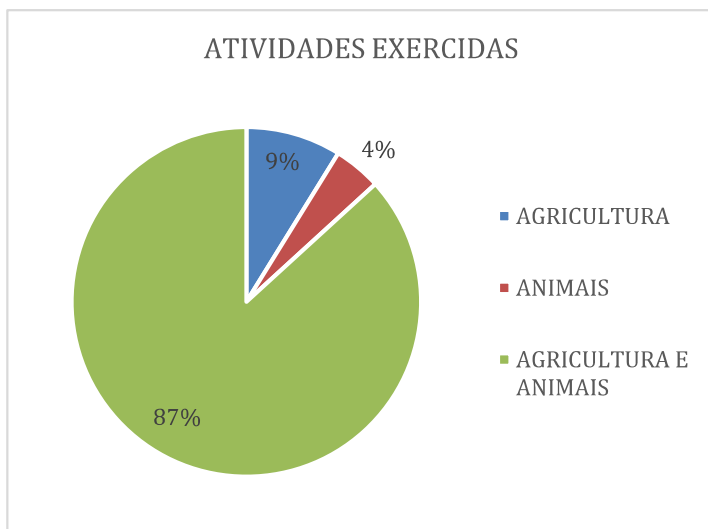


Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Apesar do maior percentual ser de pessoas com mais tempo de cooperado, por meio da entrevista foi possível perceber que as novas gerações também querem ser cooperadas para garantir a perpetuação da COPPALJ por meio de jovens recém associados.

Quando a pergunta foi sobre qual atividade exercida na comunidade, além de ser cooperado, a maioria dos entrevistados (87%), responderam agricultura e criação de animais, 9% disseram só agricultura e 4% só criação de animais como mostra o Gráfico 2.

Gráfico 2: Atividade exercida na comunidade além de ser cooperado.



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

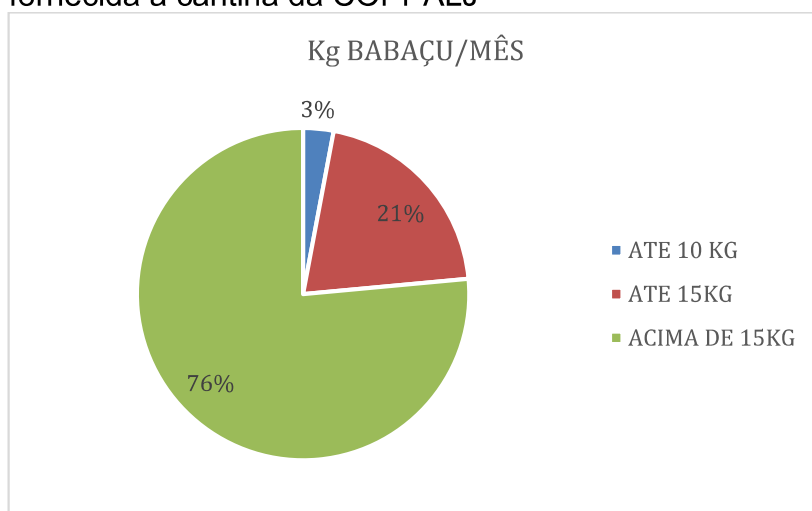
A agricultura e a criação de pequenos animais são muito prevalentes e importantes para as famílias cooperadas da COPPALJ, que inclusive podem comercializar o excedente de sua produção para as cantinas das comunidades e assim contribuir como um complemento da renda familiar. É muito comum as cantinas serem abastecidas com farinha, arroz, milho, feijão e ovos de galinha caipira, alimentos produzidos na própria comunidade, garantindo assim a comercialização da produção de seus cooperados e o fornecimento de alimentos de boa qualidade para os clientes das Cantinas.

Os cooperados entrevistados desenvolvem as atividades do extrativismo do babaçu, produção de culturas alimentares, frutas e criação de animais de pequeno porte. Sendo que esses cooperados em sua maioria são pessoas com pouca escolaridade, mas são muito sábias em conhecimentos populares e vivências, fortes, batalhadoras e engajadas em movimentos sociais de luta por melhores condições de vida e de preservação da natureza e de sua identidade cultural e de suas raízes.

5.3 Quantidade média em Kg/mês de amêndoas comercializadas na Cantina e percentual de contribuição na renda familiar

O Gráfico 3 demonstra a quantidade de amêndoas de coco babaçu em quilogramas (kg)/mês fornecida à cantina da COPPALJ, onde observa-se que 76% dos cooperados entrevistados fornecem acima de 15 kg/mês e 21% conseguem comercializar até 15 kg/mês e somente 3% destes informaram que entregam até 10 kg/mês.

Gráfico 3: Quantidade de amêndoas de babaçu, quilogramas (KG) /mês, em média fornecida à cantina da COPPALJ

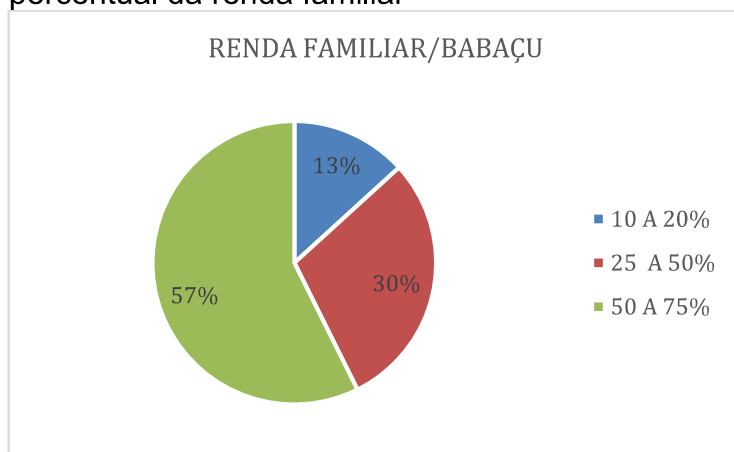


Fonte: elaborado pelo autor (2023).

A atividade de extração da amêndoa do coco babaçu, localmente chamada de “quebra do coco” é uma atividade realizada corriqueiramente famílias cooperadas, servindo como um complemento ou mesmo a principal fonte de renda para muitas famílias dos entrevistados, o que corrobora com os dados observados no Gráfico seguinte (Gráfico 4).

Quando perguntado sobre quantos por cento (%) da renda familiar representa a venda da amêndoa do coco babaçu à COPPALJ, o Gráfico 4 mostra que a maioria dos entrevistados (57%) obtêm 50 a 75% da renda familiar a partir da comercialização das amêndoas, 30% disseram que corresponde de 25 a 50% e 13% responderam 10 a 20%.

Gráfico 4: Quanto a comercialização do coco babaçu à COPPALJ corresponde em percentual da renda familiar



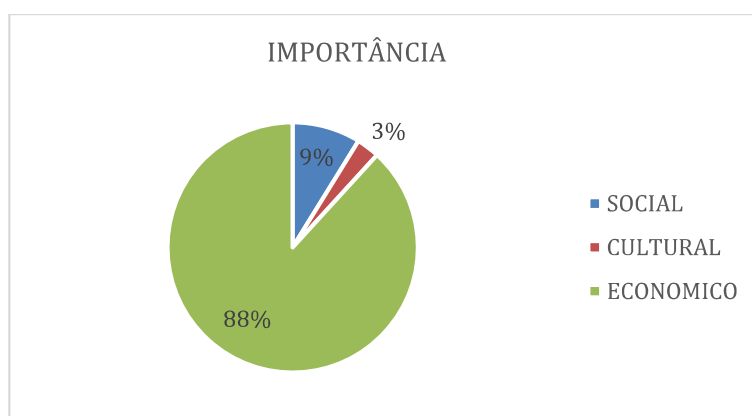
Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Em sua pesquisa com cooperados da COPPALJ, Burchi e Vicari (2014) constataram na ocasião que em média 80% da renda das famílias cooperadas era advinda do extrativismo do babaçu, e atualmente, apesar de muitas mudanças ocorridas nos últimos anos na conjectura social e econômica e do surgimento de novas fontes de renda, observou-se que essa atividade ainda representa importante parcela na renda familiar dos cooperados, confirmando a importância econômica do extrativismo do babaçu para os cooperados mesmo depois da inclusão de novas fontes de renda dessas famílias da zona rural.

5.4 Importância do extrativismo do coco babaçu nos âmbitos Econômico Cultural e Social

Quando perguntado ao cooperado sobre qual(ais) âmbito(s) - Econômico Cultural, Social - o extrativismo do coco babaçu exerce maior importância para ele e sua família, 88% apontaram nos âmbitos Econômico, 9% responderam que o extrativismo do coco babaçu exerce importância somente no âmbito social e 3% apenas no âmbito cultural, conforme demonstrado no Gráfico 5.

Gráfico 5: Importância da atividade de extrativismo do coco babaçu nos âmbitos Econômico, Cultural, Social para os entrevistados



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Esses dados corroboram a fundamental importância do extrativismo do babaçu para as famílias de cooperados da COPPALJ, sobretudo no aspecto econômico. Visto que, apesar de não ser uma atividade muito lucrativa, para algumas famílias rurais da região é sua principal fonte de renda. E também tem importante relevância no aspecto social, principalmente por proporcionar mais independência financeira para as mulheres “quebradeiras de coco”, uma vez que é uma atividade exercida predominantemente por elas e assim não precisam depender exclusivamente de atividades exercidas por seus maridos. Além disso, essa atividade de extrativismo do babaçu fortaleceu os movimentos sociais da região e a formação de uma identidade social e cultural dos extrativistas.

Importante destacar que além do aproveitamento da amêndoa do coco babaçu para obtenção do óleo vegetal pela agroindústria da COPPALJ, há também o aproveitamento de outras partes do coco e da palmeira de babaçu para confecção de artesanatos (como brincos, colares, chaveiros etc.), de artigos utilitários nas atividades

do campo a partir das palhas da palmeira (cofos, esteiras), no aproveitamento do mesocarpo do coco babaçu para a fabricação da farinha de mesocarpo de babaçu que é muito nutritiva e apreciada na culinária. Além disso algumas mulheres cooperadas fabricam o azeite da amêndoa do coco babaçu em suas próprias residências para uso familiar e também para comercialização, servindo como um complemento na renda da família. O azeite do coco babaçu é muito apreciado e valorizado na culinária regional.

Com relação a pergunta sobre se houve mudanças em relação a atividade de extrativismo do babaçu no decorrer dos anos, muitos disseram que sim, pois com o passar dos anos foram surgindo outras oportunidades econômicas e o extrativismo do babaçu se tornou um acréscimo importante na renda e oportunizou o surgimento de novos postos de trabalho. A COPPALJ cresceu e se consolidou, e esse crescimento fez surgir mais postos de trabalho na cooperativa, gerando mais emprego e renda para os cooperados.

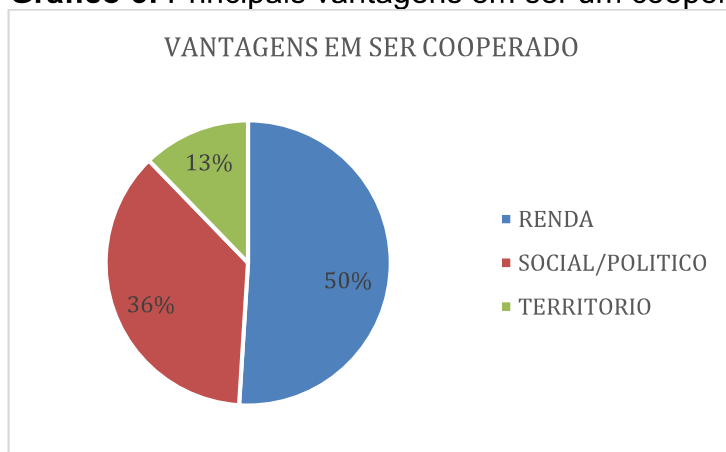
Por outro lado, para alguns cooperados, a atividade do extrativismo do babaçu passou a ser uma atividade mais secundária em razão do surgimento de outras fontes de renda, mas mesmo assim consideram o babaçu muito importante econômica e socialmente.

5.5 Vantagens em ser um cooperado na COPPALJ, formação (Capacitação técnica) enquanto cooperado

Sereno e Barbosa (2019) citam que a presença da COPPALJ levou ao aumento do preço da amêndoa do babaçu (Kg) e isso resultou em uma significativa melhoria nas condições de vida dos trabalhadores extrativistas de coco babaçu da região. Além de possibilitar maior participação da mulher na renda da família, considerando que a atividade é realizada quase na totalidade por mulheres.

Conforme o Gráfico 6, metade dos entrevistados (51%), respondeu que a principal vantagem em ser um cooperado na COPPALJ é a melhoria da renda familiar, 37% disseram que estar na cooperativa estimula a organização social e política na comunidade e 13% diz que contribui para manter a identidade do território.

Gráfico 6: Principais vantagens em ser um cooperado na COPPALJ



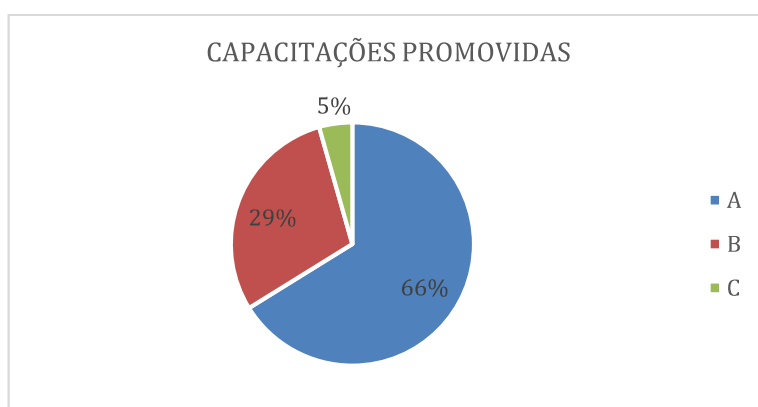
Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Quando não havia a cooperativa algumas condições eram impostas na comercialização das amêndoas, dentre elas, a de que a coleta do coco babaçu só poderia ser realizada se as amêndoas fossem comercializadas por atravessadores da confiança dos fazendeiros proprietários das terras, sendo que o valor pago por quilo (kg) não era condizente com a realidade, tampouco com o trabalho exercido pelas mulheres no processo de extração das amêndoas (quebra do coco).

Quanto as capacitações técnicas oferecidas pela COPPALJ, foi perguntado ao público da pesquisa, quais capacitações mais contribuíram para a formação enquanto cooperado e no desenvolvimento da(s) atividade(s) que executa na comunidade. Para esta pergunta foram definidas as seguintes opções de resposta: - (A) Capacitações promovidas por técnicos especializados nas áreas de Agricultura, Criação de animais, Comercialização; - (B) Realização de palestras sobre os tipos de financiamentos disponíveis para a Agricultura Familiar em Agências de fomento (Banco do Nordeste, Banco do Brasil, Banco da Amazônia, Caixa Econômica, etc.); - (C) Capacitações sobre Associativismo e Cooperativismo; - (D) Nenhuma alternativa acima.

De acordo com o Gráfico 7, dos entrevistados, 66% consideram a opção (A) como sendo a de maior contribuição para formação e no desenvolvimento das atividades, 29% destes marcaram a opção (B), enquanto somente 5% indicaram a opção (C), não houve indicação para a opção (D).

Gráfico 7: Capacitações técnicas promovidas pela COPPALJ que mais contribuem para a formação enquanto cooperado e no desenvolvimento das atividades



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Aref (2011) ressalta que é fundamental que as cooperativas agrícolas procurem estratégias que melhorem a vida de seus cooperados, proporcionado apoio e incentivos a seus cooperados e formas de assegurar a sustentabilidade da produção. Nesse sentido um dos focos da COPPALJ é a formação técnica dos seus cooperados, principalmente os “jovens cooperados”, a cooperativa diz que: - “capacitar a juventude de hoje garante um futuro mais brilhante, um em que eles possam dentro dos princípios do cooperativismo aprender e ensinar” (COPPALJ, 2022). Além do mais, essas capacitações podem possibilitar mais oportunidades de crescimento profissional para seus cooperados, e implicar em mais ganhos financeiros.

5.6 Cooperativismo e melhoria na qualidade de vida

Quando perguntados sobre a definição de Cooperativismo, quase a totalidade (99%) responderam que sabem o que significa, apenas 1% não sabem.

Segundo Farias e Gil (2013), o cooperativismo tem por base as sociedades cooperativas, constituídas com base no associativismo e na autogestão, ou seja, os próprios trabalhadores cooperados conduzem a organização. Configurando uma maneira de preservar a força econômica e de vida dos indivíduos de um mesmo padrão e tipo, com problemas e objetivos comuns, objetivando extinguir os desajustamentos sociais resultantes dos excessos da intermediação capitalista, por meio da junção do trabalho com o capital.

Quanto a melhoria na qualidade de vida ao se tornar um cooperado na COPPALJ, 100% dos entrevistados responderam que sim, confirmando que ser cooperado pode resultar em significativas melhorias tanto na questão econômica como social. Andrade (2013) também constatou em sua pesquisa sobre cooperativismo e agricultura familiar que todos os entrevistados notaram ganhos e avanços após o ingresso na cooperativa, sobretudo no que diz respeito a melhorar o poder de negociação e oportunidades de comercialização dos produtos.

5.7 Óleo vegetal do coco babaçu, utilização do subproduto, produtos comercializados pela cooperativa

Com relação ao processo de produção de óleo vegetal do coco babaçu produzido pela agroindústria da COPPALJ, todos os cooperados entrevistados informaram que possuem conhecimento de como é realizado o processo de produção.

Quando perguntados se fazem uso da torta de babaçu (subproduto) na alimentação animal de bovinos, caprinos, ovinos, suínos, aves e etc., todos responderam que utilizam a torta de babaçu para essa finalidade. Mostrando assim, que provavelmente, os cooperados da COPPALJ possuem conhecimento de como funciona, quais são as atividades desenvolvidas pela cooperativa e que fazem uso de derivado da produção do óleo do coco babaçu em suas atividades produtivas.

E com relação a pergunta de quais produtos gostariam que também fossem comercializados pela COPPALJ utilizando o coco babaçu como matéria prima, os entrevistados se mostraram satisfeitos com os produtos comercializados pela COPPALJ. Todavia alguns fizeram uma ressalva que poderia haver a comercialização pelas cantinas de alguns produtos fora os que já são produzidos pelos sócios como:

jacá, cofos e balaio. Que são produtos muito utilizados no cotidiano das pessoas das comunidades rurais da região.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A COPPALJ possui uma grande importância econômica e social para os agricultores familiares cooperados. Apresentou-se como um divisor de águas para seus cooperados, onde saíram de uma condição antes opressora para uma condição libertadora. Visto que, as áreas de babaçuais não eram de livre acesso às quebradeiras, que muitas vezes eram submetidas a humilhação e até risco de agressão física para conseguir acesso ao coco babaçu que era “preso” nas fazendas dos grandes latifundiários da região e sua comercialização era praticamente uma extorsão feita por atravessadores que determinavam o valor de compra. Esta difícil realidade vem sendo mudada com a promulgação da Lei do Babaçu Livre (nº 05/1997 e nº 01/2002) no município de Lago do Junco - MA (referência para elaboração de leis com abrangência estadual) que possibilita o livre acesso às quebradeiras de coco babaçu” as áreas de babaçuais.

A melhoria da qualidade de vida, a partir do aumento da renda familiar e valorização da prática/atividade de extração da amêndoa do coco babaçu pelas quebradeiras de coco, estão muito presentes nas falas dos entrevistados na referida pesquisa, bem como a inexistência do “atravessador” e a prática de preços justos na comercialização dessa matéria-prima, nesse sentido a presença da “Cantina” nas comunidades rurais onde residem cooperados exerce papel fundamental.

A partir da criação da COPPALJ e posteriormente da sua agroindústria, as amêndoas do babaçu obtidas das “quebradeiras de coco” são transformadas em produtos de grande valor econômico comercializadas em âmbito local e internacional possibilitando crescimento e a estabilidade financeira da cooperativa e consequente ganhos para seus cooperados.

Tendo em vista a cooperativa ter como foco a formação de seus cooperados, esta desenvolve parceria em projetos sociais com outras Instituições na geração de emprego e renda, na promoção de cursos de capacitação técnica nas áreas de Agricultura, Criação de animais, Comercialização, Financiamentos para a Agricultura familiar, Associativismo e Cooperativismo, dentre outros que são de interesse dos

cooperados. Além de possibilitar o cooperado compreender sobre as atividades desenvolvidas na agroindústria, e ter acesso aos produtos produzidos a partir da amêndoa do coco babaçu.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. As práticas espaciais e o campo dos conflitos ambientais. In: Acselrad, H. (Org.). *Conflitos ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. 294 p.

ANDRADE, M. C.; ALVES, D. C. Cooperativismo e Agricultura Familiar: um estudo de caso. **RAIMED - Revista de Administração IMED**, v. 3, n.3, p. 194-208, 2013.

ANJOS, E. G.; ROCHA, A. G. P.; SILVA, D. O cooperativismo como estratégia de fortalecimento da agricultura familiar na Bahia: uma análise baseada no Censo Agropecuário 2017. DRd - Desenvolvimento Regional **Em Debate**, v.12, ed.esp.2 (Dossie Cooperativismo), p. 8–31, 2022.

ANUÁRIO COOP 2022. Disponível em: <https://anuario.coop.br/brasil/cooperativas>. Acesso em 31 out. 2022.

AREF, F. Agricultural Cooperatives for Agricultural Development in Iran. **Life Science Journal**, v.8, n.1, p.82-85, 2011.

ASSEMA. Coppelj é exemplo cooperativismo para fortalecimento do campo. 2019. Disponível em: <https://assema.org.br/coppelj-e-exemplo-cooperativismo-para-fortalecimento-do-campo/>. Acesso em: 28 dez. 2022.

BATZIOS, A.; KONTOGEORGOS, A.; CHATZITHEODORIDIS, F.; SERGAKI, P. What Makes Producers Participate in Marketing Cooperatives? The Northern Greece Case. **Sustainability**, v. 13, p. 1676, 2021.

BUENDÍA MARTÍNEZ, I.; PIRES, M. L. L. S. Cooperativas e revitalização dos espaços rurais: uma perspectiva empresarial e associativa. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, v.19, n.01, 99-118, 2002.

BURCHI, F.; VICARI, S. To be or not to be a member of a primary cooperative in Brazil: any difference in family decisions and gender equality? **Oxford development studies**, v. 42, n.3, p. 343-364, 2014.

BÜTTENBENDER, P. L; PEDRASSANI, D.; TOMPOROSKI, A. A.; ALVES, C. N.; ÁLVAREZ, J. F. Cooperativismo e desenvolvimento regional: aportes teóricos, experiências e perspectivas. DRd - Desenvolvimento Regional **Em Debate**, v.12, ed.esp.2 (Dossie Cooperativismo), p.1–7, 2022.

CARNEIRO, M. J. Política pública e agricultura familiar: uma leitura do Pronaf. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, 8, 70-82. 1997.

CENTRAL DO CERRADO. Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (COPPALJ). 2020. Disponível em: <https://www.centraldocerrado.org.br/post/cooperativa-dos-pequenos-produtores-agroextrativistas-de-lago-do-junco-coppalj>. Acesso em: 03 jan. 2023.

COPPALJ. Site oficial 2022. Disponível em: <https://www.coppalj.com.br/>. Acesso em: 03 jan. 2023.

FARIAS, C. M.; GIL, M. F. Cooperativismo. Pelotas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Técnico Industrial de Santa Maria; Rede e-Tec Brasil, 2013.

FERREIRA, C. C.; GRIEBELER, M. P. D. Responsabilidade social no cooperativismo de crédito em Nova Petrópolis/RS. DRd - Desenvolvimento Regional. **Em Debate**, v. 12, ed.esp.2 (Dossie Cooperativismo), p.155–178, 2022.

FUZINATTO, N. M.; CASSOL, F. E.; BATISTA, C.; BERNARDY, R. J. Os impactos do cooperativismo de produção no desenvolvimento de pequenos municípios. **Revista Eletrônica Gestão & Sociedade**, v.13, n.35, p. 2901-2929, 2019.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
IRION, J. E. Cooperativismo e economia social. São Paulo: STS, 1997.

LIMA, J. S. Babaçu livre, terra e movimento: a luta das mulheres quebradeiras de coco babaçu e a produção de sabonetes. 2020. 98 f. Monografia-graduação em Educação do Campo, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal-Ma, 2020.

LITTLE, P. E. Ambientalismo e Amazônia: encontro e desencontros. In: Sayago, D.; Tourrand, J. F.; Bursztyn, M. (Orgs.). Amazônia: cenas e cenários. Brasília, DF: UnB, 2004. Mota, D. M. et al. As senhoras da mangaba.

MARQUES, H. R.; COSTA, J. O. O cooperativismo e o desenvolvimento local: um estudo da cooperativa de crédito Sicredi União MS/TO – Comitê Ação Social. *Interações (Campo Grande)*, v. 22, n.2, p.531–541, 2021.

MENEGON, J. C.; INOCÊNCIORODRIGUES, R. M. O Cooperativismo e sua Importância no Desenvolvimento do Estado do Paraná. **CADERNO DE ADMINISTRAÇÃO**. v. 14, n.1, p. 59-73, jan/jun. 2006.

MENEGON, J. C.; INOCÊNCIO-RODRIGUES, R. M. O cooperativismo e sua importância no desenvolvimento do estado do Paraná. **Caderno De Administração**, v. 14, n.1, p. 59-73, 2017.

MICHELS, A., COLETTI LUNA, J.; RINALDI, D. Importância do cooperativismo de crédito para o desenvolvimento do agronegócio. **Revista Teoria E Evidência Econômica**, v. 26, n.55, p. 244-271, 2021.

MOTA, D. M.; SILVA JÚNIOR, J. F.; SCHMITZ, H.; RODRIGUES, R. F. A. (editores técnicos). A mangabeira, as catadoras o extrativismo. Belém, Pará: Embrapa Amazônia Oriental; Aracaju, Sergipe: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2011. p. 95-127.

OCB – Sindicato e Organização das Cooperativas Brasileiras. O que é cooperativismo. Disponível em: <https://www.ocb.org.br/o-que-e-cooperativismo>. Acesso em: 12 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. Ramos do Cooperativismo. Disponível em: <https://www.ocb.org.br/ramos>. Acesso em: 22 out. 2022.

PIRES, M. L. L. S. O Cooperativismo Agrícola Como Uma Forma de Neutralizar as Desvantagens Competitivas da Agricultura Familiar. Em análise a Coopercaju. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, RS, Brasil, 2010.

PORRO, R. et al. Os saberes da família Rego da Silva e o artesanato com babaçu: Centro do Coroatá, Esperantinópolis, MA. Brasília, DF: Embrapa, 2020.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Amazônia, Amazônias. São Paulo: Contexto. 2001.

SANTOS, C. C. M.; CEBALLOS, Z. H. A importância do cooperativismo. X Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. Disponível em: https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2006/inic/inic/06/INIC000027ok.pdf. Acesso em: 15 out. 2022.

SCHWARTZ, R. M. P. B. Quebradeiras de coco de babaçu e o desenvolvimento sustentável: formas de educação ambiental e comunicação. (1989 A 2010). Relatório final. Universidade Presbiteriana Mackenzie, Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa, São Paulo, 2013.

SCHREINER, J. M. Alimentar 7 bilhões de habitantes. 2011. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/31802/i/en> Acesso em: 12/12/2022.

SERENO, L. F. Cooperativismo e precarização do trabalho: uma análise da atuação da COPPALJ no município de Lago do Junco-MA. 2016. 99 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional) – Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

SERENO, L. F.; BARBOSA, M. Z. Cooperativismo e precarização do trabalho: estudo de caso no município de Lago do Junco -ma. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 7, n. 1, p. 31-50, 16 jul. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/POSITIVO/Downloads/pmagal,+Artigo+2++Cooperativismo+e+precariza%C3%A7%C3%A3o+-+diagramado-revisadoEli.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2022.

SICCOOB. A importância do cooperativismo para economia brasileira. S.D. 2019. Disponível em: <https://sicoobacired.com.br/noticia/a-importancia-do-cooperativismo-para-economia-brasileira-26.html#:~:text=O%20cooperativismo%20%C3%A9%20um%20movimento,constata%20um%20aumento%20de%20cooperativas>. Acesso em: 19 out. 2022.

SILVA, J. A. O papel das cooperativas no desenvolvimento econômico local: um estudo de caso na cooperativa COOPERNORTE. **Revista Desafios**, v. 04, n. 04, 2017.

SILVEIRA, D. F.; ANJOS, F. S. Cooperativismo e inclusão social: o caso dos mercados institucionais no Sul do Brasil. *DRd - Desenvolvimento Regional Em Debate*, v. 12, p. 91–109, 2022.

TEIXEIRA, F. R.; Aguiar, M. R.; Silva, T.; Ribeiro, M. E. O.; Antonioli, B. I. Evolução Histórica do Cooperativismo no Setor Agropecuário. *Id on Line Rev. Mult. Psic.* v.11, n. 39. 2017.

THESING, N. J., BRUM, A. L.; METOGBE, M. Cooperativismo agrícola: uma prática coletiva para o desenvolvimento socioeconômico nos países da África Ocidental. *DRd - Desenvolvimento Regional Em Debate*, v. 12, ed.esp.2 (DossieCooperativismo), p.179–198, 2022.

VICARI, S. The cooperative as a human development institution: the case study of COPPALJ, a primary cooperative in Brazil. *Journal of International Development J. Int. dev.*, v.26, p.683–700, 2014.

ZARAFSHANI, K., ROSTAMITABAR, F., HOSSEININIA, G. H., AKBARI, M., & AZADI, H. Are Agricultural Production Cooperatives Successful? A Case Study in Western Iran. *American-Eurasian J. Agric. & Environ.*, v.8, n.4, p.482-486, 2010.

APÊNDICE A – Questionário de Pesquisa



QUESTIONÁRIO SOBRE A IMPORTÂNCIA SOCIAL E ECONÔMICA DA COPALJ NA VIDA DOS COOPERADOS

Há quanto tempo é cooperado na COPPALJ?

Qual atividade exerce na sua comunidade além de ser cooperado?

- Agricultura
- Criação de animais
- Agricultura e Criação de animais
- Outra(s). Qual(is)? _____

Quantos Quilogramas (kg)/mês em média você entrega na Cantina da COPALJ?

- Até 5Kg
- Até 10Kg
- Até 15kg
- Acima de 15Kg

A venda do coco babaçu a COPPALJ corresponde a quantos por cento(%) da sua renda familiar?

- 10 a 20%
- 25 a 50%
- 50 a 75%
- 75 a 100%
- 100%

Para você e sua família, a atividade de extrativismo do babaçu exerce maior importância em quais dos âmbitos? Pode escolher até 2 âmbitos.

- Econômico () Outro(s). Qual(is)? _____
- Cultural
- Social

Sua relação com a atividade de extrativismo do babaçu mudou no decorrer dos anos?

- Não
- Sim

Se sim, a que você atribui?

Na sua opinião quais as principais vantagens de ser um cooperado na COPALJ?

Marque até duas alternativas.

- Melhora a renda familiar
 - Contribui para manter a identidade do território
 - Estimula Organização social e política na comunidade
 - Outro:
-

Dentre as capacitações promovidas pela COPPALJ marque a opção que mais contribuiu para a sua formação enquanto cooperado e no desenvolvimentos da(s) atividade(s) que desenvolve:

Capacitações promovidas por técnicos especializados nas áreas de Agricultura, Criação de animais, Comercialização.

Realização de palestras sobre os tipos de financiamentos disponíveis para a Agricultura Familiar dos quais os cooperados poderão acessar em Agências de fomento (Banco do Nordeste, Banco do Brasil, Banco da Amazônia, Caixa Econômica, etc.).

Capacitações sobre Associativismo e Cooperativismo.

Nenhuma alternativa acima.

Você sabe o que é “Cooperativismo”?

Não Sim

Você acha que ocorreu melhoria na qualidade de vida ao ser cooperado?

Sim

Não

Se Sim, como você avalia essa melhoria?

Regular

Satisfatória

Muito boa

Você sabe/compreende como acontece o processo de produção de óleo vegetal do coco babaçu produzido na COPPALJ?

Sim

Não

Durante a produção do óleo vegetal é originado um subproduto que é a “torta de babaçu” comercializada também pela COPPALJ. Você utiliza a torta de babaçu na alimentação animal (bovinos, caprinos, ovinos, suínos, aves, etc...)?

Sim

Não

Você sabe quais produtos são comercializados pela COPPALJ, além do óleo vegetal de coco babaçu?

Sim Não

Qual(ais) produto(s) você gostaria que também fosse comercializado pela COPALJ utilizando o coco babaçu como matéria prima?